

COPA DE 1978: A FARSA DE UMA DITADURA

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de estudar a interferência exercida pelo governo militar argentino no transcorrer da Copa do Mundo de futebol que aconteceu naquele país no ano de 1978. O foco do trabalho é problematizar a questão da intervenção dos militares no mundial de futebol. Após trinta anos do ocorrido, o fato ainda levanta dúvidas sobre a influência exercida dos militares para que aquela Copa do Mundo ficasse com a seleção argentina, principalmente pela manipulação do horário do jogo da Argentina contra o Peru, favorecendo a sua seleção e prejudicando a seleção brasileira.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Política. Futebol.

INTRODUÇÃO

O futebol no decorrer do século XX ganhou uma enorme visibilidade, principalmente na segunda metade, tanto econômica como política. Governos e empresas encontraram no futebol um meio para conquistar a massa. O uso do futebol como massa de manobra é recorrente pelos governos militares da América Latina. Os governos militares latino-americanos utilizaram os eventos esportivos para relacionar o desempenho de seu governo com o desempenho positivo no evento esportivo. A questão é até que ponto esses governos utilizaram táticas limpas para atingirem o seu objetivo e quais meios foram utilizados para a obtenção do mesmo. O governo militar argentino (1976-1983) usou a sua influência para conseguir que sua seleção de futebol ganhasse o campeonato de futebol de 1978.

POLÍTICA E FUTEBOL: A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

O futebol durante o século XX ganhou vários adeptos à sua prática esportiva. No transcorrer de menos de meio século perdeu seu *status* de esporte da elite britânica para se transformar no esporte mais praticado e conhecido no mundo. Por ter regras simples e ter mantido essas regras sem grandes mudanças, fez do esporte um sucesso entre as pessoas nos mais diversos lugares do mundo. Não é difícil constatar essa afirmação, principalmente em países pobres do mundo, nos latinoamericanos e nos africanos em especial.

À medida que a popularidade do futebol ia crescendo nos países durante o século XX, os interesses dos grupos políticos e econômicos também cresciam. Alguns políticos viam no esporte um campo amplo para atuação. Podemos constatar que vários políticos estabeleceram a prática esportiva como meio de construir a identidade nacional¹, como nos governos dos presidentes Getúlio Vargas no Brasil e Juan Domingo Perón na Argentina. Segundo Victor Andrade de Melo², Perón difundia essa idéia, ele foi campeão de boxe e esgrima.

Historicamente, a política e o esporte estão associados, principalmente o esporte sendo utilizado como massa de manobra de governos para enaltecer a identidade nacional. Segundo Victor Andrade de Melo essas práticas se desenvolvem desde o século XIX:

“Isso é comum no decorrer da História: sempre se anexaram à prática esportiva interesses diversos, tanto os de governos majoritários quanto os de grupos de resistência. No século 19, os ingleses utilizavam o esporte das elites para formar os novos líderes que ocupariam espaço no governo. (...) Ou seja, os poderes constituídos sempre tentam se anexar à prática esportiva para criar uma relação pública de suas conquistas. É um discurso que não necessariamente é absorvido linearmente pelo público.”³

A partir do esporte, particularmente do futebol, muitos governos trabalharam a questão da identidade nacional. O nacionalismo está na ponta das chuteiras dos jogadores, que defendem suas seleções na Copa do Mundo como se estivessem defendendo os seus países numa guerra.

Segundo Eric Hobsbawm tradição inventada é “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de

natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação com o passado”⁴. Então, os governos utilizaram vários mecanismos para naturalizar a prática esportiva como sendo uma questão de identidade nacional. Não foi diferente na ditadura militar argentina (1976-1983).

Como Eric Hobsbawn ressalta, é através da repetição que a chamada “tradição inventada” é internalizada pelas sociedades. O papel dos governos é muito importante para que essa repetição seja bem aceita no seio da sociedade. Não sei exatamente os pormenores utilizados pelos governos argentinos para que seus objetivos fossem alcançados, contudo associar o nacionalismo argentino com futebol sugere uma estratégia sutil que ao longo dos tempos deu certo na Argentina.

O FUTEBOL NA ARGENTINA

Como já foi falado, política e futebol andam de mãos dadas, sobretudo nos governos populistas latinoamericanos, como é o caso do governo populista de Juan Domingo Perón. No seu governo as atividades desportivas foram incetivadas como mecanismos de identificação nacional. A paixão nacional argentina pelo futebol crescia à medida que a rivalidade entre brasileiros e argentinos nos campos se acirravam.

O futebol argentino vinha crescendo desde a década de 1960, principalmente pela ascensão dos seus clubes locais. A seleção argentina até o ano de 1959 era a maior vencedora de Copa América, com 11 títulos, posição que ainda ocupa nos dias atuais ao lado da seleção uruguaia, com 14 títulos do torneio sul-americano cada uma das seleções⁵.

A rivalidade de argentinos e brasileiros era medida nos campos no torneio sulamericano de clubes, a Taça Libertadores da América. Criada em 1960 com o objetivo de conhecer o melhor time de futebol da América do Sul anualmente, criou junto do seu objetivo inicial uma imensa rivalidade entre os clubes argentinos,

brasileiros e uruguaios. Independiente, Boca Juniors, Estudiantes, Santos, Cruzeiro, Penarol, Nacional são os principais clubes dos respectivos países citados.

A Taça Libertadores da América era o termômetro que media a rivalidade entre os países sul-americanos nos campos de futebol. Os clubes argentinos são os maiores vencedores do certame, sendo que nas décadas de 1960, 1970 e 1980 concentra-se um número expressivo de conquistas dos clubes. O Independiente têm em sua história sete conquistas, sendo o maior vencedor de toda a história do torneio. Conquistou os títulos nos anos de 1964, 65, 72, 73, 74, 75 e 84. Nas primeiras dezenove Taças Libertadores da América disputadas os clubes argentinos ficaram com doze títulos⁶. Até os nossos dias a Argentina é o país que tem mais títulos do torneio sulamericano de clubes com 22 conquistados.

A própria seleção argentina detinha uma soberania no continente, entretanto essa soberania de títulos dos torneios continentais não se refletia no âmbito mundial. Faltava à Argentina um título de campeonato mundial de futebol para ela se tornar uma potência do esporte, assim como os vizinhos Brasil e Uruguai.

Assim, o futebol argentino detinha a soberia nos títulos dos torneios do continente sulamericano entre os clubes e seleções, mas essa expressividade dos resultados continentais não resultava em Copas do Mundo de futebol conquistadas. Fica claro o descontentamento dos dirigentes com o desempenho de sua seleção em campeonatos mundiais, logo não é de estranhar a preocupação dos militares para que naquele mundial sua seleção não frustrasse os sonhos de título.

A POLÍTICA DOS MILITARES

A ditadura militar na Argentina foi a de menor duração, mas em contrapartida foi a mais repressiva, violenta, autoritária e agressiva contra os seus contestadores. Segundo Luis Alberto Romero, os desaparecimentos entre 1976 e 1978 foram uma prática constante, esses anos ficaram conhecidos como “triênio sombrio”⁷. Com o terror espalhado por toda a Argentina, os militares conseguiram silenciar a sociedade, ficando apenas a voz da junta militar.

A Copa do Mundo é recheada de simbolismo. Vencer um mundial de futebol não representa apenas uma vitória no campo esportivo, mas principalmente representa uma vitória de uma nação inteira sobre o restante do mundo. Em 1978 tanto o Brasil como o Uruguai haviam conquistado o mundial de futebol, o primeiro conquistou em três ocasiões 1958, 1962 e 1970, e o segundo conquistou o mundial em duas ocasiões 1930 e 1950. A Copa de 1978 era a oportunidade ideal para a Argentina se igualar a seus vizinhos e rivais históricos, tanto no campo político como no esportivo, porque naquele ano a Argentina seria a anfitriã do mundial de futebol.

Os militares viram na Copa do Mundo uma oportunidade de conquistarem o apoio popular realizando o sonho de conquistar um mundial de futebol⁸, e ainda mais, seria conquistado no próprio país, fato que só o Uruguai em 1930, a Itália de Mussoline em 1934 e a Inglaterra em 1966 haviam conquistado. O espírito de nacionalismo, de identificação da população argentina com sua seleção e consequentemente com o regime político seria automático se os militares conseguissem realizar esse feito, conquistar a Copa do Mundo. Mas como releva Romero:

“O governo militar nunca conseguiu despertar nem entusiasmo nem adesão explícita na sociedade, apesar de tê-lo tentado, em meados de 1978, quando foi realizado o Campeonato Mundial de Futebol e as hierarquias máximas assistiram nos estádios às partidas nas quais a Argentina conquistou o título...”⁹

Entretanto, não podemos afirmar que a política dos militares argentinos fracassou. Por mais que a adesão não tenha sido a estimada, o público lotou todas as partidas da Argentina no mundial de futebol e apoiou sua seleção até a final contra a toda poderosa seleção da época, a holandesa, mais conhecida como carrossel holandês. Por mais que aquele título seja questionado até hoje, os argentinos se orgulham em tê-lo conquistado em 1978, principalmente por ser em seu país.

A partir daquele título, o futebol argentino entrou em definitivo no mundo futebolístico como potência do esporte. Então, qual é o papel que os militares tiveram para que a seleção argentina saísse da Copa do Mundo de 1978 com o título?

A COPA DE 1978

O título da Copa do Mundo iria coroar uma trajetória vitoriosa do futebol argentino. No continente sul-americano, os clubes argentinos eram os que detinham o maior número de conquistas da Taça Libertadores da América, mas faltava o maior título do futebol mundial, a Copa do Mundo entre seleções, que iria acontecer na Argentina em 1978.

A década de 1970 na América do Sul das ditaduras militares estão a frente de vários governos. É interessante perceber que nem todos esses governos tinham afinidades entre si. Os militares argentinos não tinham uma boa relação com o governo do ditador chileno Augusto Pinochet e não queriam que a seleção chilena disputasse o mundial em seu país. Meses antes do mundial, as seleções chilena e peruana se enfrentaram por uma vaga no mundial de 1978, e foi neste momento que os militares argentinos se interessaram pela seleção peruana¹⁰. A seleção peruana saiu vencedora daquele confronto e isso foi, indiretamente, uma vitória dos militares argentinos. É a partir desse fato que podemos compreender o desfecho daquele mundial de futebol.

A primeira fase do mundial transcorreu tranquilamente. Entretanto, a segunda fase do mundial colocava no mesmo grupo as seleções da Argentina, Brasil, Peru e Polônia, e somente a melhor seleção se classificaria para a final do mundial. Na primeira rodada o Brasil venceu o Peru por três gols a zero e a Argentina venceu a Polônia por dois gols a zero. Argentina e Brasil empataram sem gols na segunda rodada, ficando a decisão da vaga para a final do mundial para a última rodada.

Até o dia 18 de Junho de 1978 o calendário dos jogos estava sendo cumprido rigorosamente, mas após o empate entre as seleções da Argentina e do Brasil os militares organizadores do mundial intervieram nos jogos da última rodada da segunda fase. Percebendo o perigo real de sua seleção não se classificar para a final, mudaram o horário do jogo de sua seleção. Primeiramente, os jogos do Brasil contra Polônia e da Argentina contra o Peru estavam marcados para o mesmo horário, às 16h45min no horário argentino do dia 21 de Junho de 1978, contudo os militares marcaram o jogo da Argentina para às 19h15min, favorecendo sua seleção, pois a mesma entraria em campo sabendo o resultado do jogo entre Brasil e Polônia, assim

saberia de quanto precisava ganhar da seleção do Peru para conquistar a vaga para a final¹¹.

É no dia 21 de Junho de 1978 que a seleção peruana entra novamente nos interesses dos militares argentinos. Sem chances de avançarem no mundial, o Peru entrou em campo contra a Argentina com um time cheio de desfalques. Jogadores como Roberto Rojas, Marcos Calderón, Raúl Gorroiti e Rodolfo Manzo que não jogaram durante o mundial, foram colocados em campo contra a Argentina. O goleiro peruano era Quiroga, argentino de nascimento e naturalizado peruano, levantava sérias dúvidas, pois para muitos entregaria o jogo ao seu país natal. Então, a seleção peruana já entrou em campo levantando dúvidas se ia jogar com o chamado *fair-play*, jogo limpo.

Esses indícios levantam suspeitas da participação dos militares nesse fato, pois era inimaginável que a seleção peruana entrasse em campo com tantos desfalques, se não tivesse em troca alguma vantagem financeira. Segundo o jornalista inglês David Yallop, o autor do suborno seria o almirante Carlos Lacosta. A ditadura argentina cederia um crédito não restituído para o governo peruano para a compra de quatro mil toneladas de trigo¹². Tem outro fato que reforça essa hipótese de interferência dos militares nos rumos da Copa do Mundo de 1978, a visita do presidente argentino general Jorge Rafael Videla com o secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger ao vestiário peruano antes da partida entre Argentina e Peru, sendo provável que a negociação entre os governos argentino e peruano fora fechada nos momentos que antecederam aquela partida.

Osvaldo Ardilles, jogador argentino naquele mundial, em entrevista, foi enfático em afirmar sobre a posição dos militares argentinos:

“Se vocês me perguntam se a Junta Militar fez algo, eu vou te dizer que não sei, *mas essa gente estava preparada para fazer absolutamente tudo*. Tomara que não tenham feito nada, que o triunfo tenha sido simplesmente esportivo. Se não tivesse sido assim, me sentiria muito mal, estaria pensando provavelmente em devolver minha medalha”.¹³

As palavras do ex-jogador argentino reforçam nossa hipótese sobre a participação dos militares no transcurso do mundial. Ardilles não afirma a participação direta dos militares, entretanto ele admitia que os mesmos pudessem intervir a qualquer momento, fazendo o possível para alcançar o objetivo maior, o título do mundial de 1978. O ponto

a ser destacado é que Osvaldo Ardilles foi jogador da seleção argentina naquele mundial, sendo testemunha ocular dos fatos e do clima que cercavam os bastidores do mundial de 1978.

O ex-jogador da seleção brasileira daquele mundial de futebol Roberto Rivelino foi indagado se houve interferência dos militares argentinos no mundial, ele então falou: “Em campo não. Porque o jogo que culminou foi Argentina X Peru , em 6X0. E foi tudo armação. A Copa de 78 é uma mancha no futebol”¹⁴ Então, o mundial transcorria tranquilamente até o jogo decisivo entre Argentina e Peru, que definiu qual seleção ia para a final da Copa.

A Copa do Mundo de 1978 ficou para a história não pelo campeonato conquistado pela seleção argentina, mas como ela conseguiu esse campeonato mundial de futebol. Não estamos discutindo aqui se a seleção argentina merecia ou não conquistar o título, porém sem a intervenção dos militares argentinos ficaria difícil saber se o final daquele mundial seria o mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar neste artigo como o futebol foi importante como construtor da nacionalidade argentina. A partir dessa questão, trabalhamos como os governos civis e militares daquele país fizessem políticas oficiais ou não para ressaltar a grandeza do futebol argentino dentro do continente sul-americano. A questão central é a intervenção da ditadura militar Argentina na Copa do Mundo de 1978 que acontecera naquele país. Levantamos alguns indícios da interferência dos militares argentinos no resultado final do mundial de futebol de 78. Vários acontecimentos durante aquele mundial de futebol dão margem para que a suspeita de interferência acontecesse naquele certame.

A Copa do Mundo de 1978 entrou para a história não pelo primeiro campeonato conquistado pela Argentina, mas como essa seleção conseguiu conquistar este título. Os indícios foram levantados, os acontecimentos foram debatidos, entretanto não podemos fazer nenhuma conclusão, pois o problema foi colocado para ser problematizado e refletido

NOTAS

-
- ¹ Entrevista de Victor Andrade de Melo a *Revista Ciência Hoje*: volume 42, nº 250, Julho de 2008.
- ² Victor Andrade de Melo é coordenador do Laboratório do Esporte e do Lazer (Sport) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- ³ Entrevista de Victor Andrade de Melo à *Revista Ciência Hoje*: volume 42, nº 250, Julho de 2008.
- ⁴ HOBBSBN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ⁵ Dados obtidos IN: <http://www.campeosdofutebol.com.br>.
- ⁶ Dados obtidos IN: <http://www.campeosdofutebol.com.br>.
- ⁷ ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.
- ⁸ ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.
- ⁹ ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.
- ¹⁰ Entrevista realizada ao site Terra Magazine: <http://terramagazine.terra.com.br>. 11 de Dezembro de 2007.
- ¹¹ Entrevista realizada ao site Terra Magazine: <http://terramagazine.terra.com.br>. 11 de Dezembro de 2007.
- ¹² Entrevista do portal Terra ao jornalista inglês David Yallop: <http://terramagazine.terra.com.br>. 11 de Dezembro de 2007.
- ¹³ Entrevista de Osvaldo Ardiles ao site Terra Magazine: <http://terramagazine.terra.com.br>. 11 de Dezembro de 2007. (Grifo nosso)
- ¹⁴ Entrevista de Roberto Rivelino ao site Terra: <http://terramagazine.terra.com.br> 13 de Dezembro de 2007.